

O ANUNCIAR DA ESPERANÇA EM “AYOLUWA, ALEGRIA DO NOSSO POVO”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

ANNOUNCEMENT OF HOPE IN “AYOLUWA, ALEGRIA DO NOSSO POVO”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Marcos Aparecido Pereira¹
Eliane da Silva Deniz²

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar, a partir dos estudos socioculturais (BHABHA, 1998), o conto *Ayoluwa, alegria do nosso povo*, de Conceição Evaristo, presente na coletânea *Olhos d'água* (2018). No texto, a escrita caminha no sentido de desatar os nós que interligam uma coletividade negra à história da escravidão. Assim, a obra articula passado e presente e promove o debate de temáticas relacionadas à formação identitária do país. Logo, a narrativa apresenta um movimento de interação África-Brasil, à medida em que busca valorizar o respeito às diversidades.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, comunidade afro-brasileira, esperança.

ABSTRACT

This article aims to analyze, from sociocultural studies (BHABHA, 1998), the tale *Ayoluwa, alegria do nosso povo*, by Conceição Evaristo, published in *Olhos d'água* (2018). The Evaristian writing walks along poetic lines that seek to (un)tie the knots that (inter)connect a black community to the history of slavery in Brazil. Thus, the text articulates past and present and promotes the debate of themes related to the formation of the country. In this sense, the text presents a movement of resilience and resistance in the sense of stimulating the collection/recovery of hope in the expectation that joy is (re)born in a Brazilian ground intertwined with/by Africa(s).

Keywords: Conceição Evaristo, afro-brazilian community, hope.

¹ Doutor em Estudos Literários - UNEMAT; Mestre em Ensino - IFMT; Docente IFMT Campus Cáceres - Prof. Olegário Baldo e do PPGEn – IFMT Campus Cuiabá; <http://lattes.cnpq.br/1183446644029776>; Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9498-8248>

² Doutoranda em Estudos de Linguagem UFMT; Mestra em Ensino - UNIC, Docente SEDUC-MT; <http://lattes.cnpq.br/1222339579312014> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8736-1962>;

A escrevivência poética de Conceição Evaristo

Antes de iniciarmos as discussões acerca da obra de Conceição Evaristo, gostaríamos enfatizar que assumimos a perspectiva dos estudos culturais adotada por Homi Bhabha (1998). Assim, compreende-se que os estudos culturais são uma abordagem que examina as dinâmicas de poder e identidade na cultura. Logo, o autor destaca como as pessoas negociam, resistem e se apropriam da cultura para promover práticas emancipatórias. Isso posto, a cultura é explorada, produzida, consumida e interpretada, questionando as hierarquias sociais e examinando as relações entre cultura, poder e resistência. Desse modo, os estudos culturais têm uma abordagem crítica e buscam contribuir para a transformação social, perspectiva esta que é adotada ao longo da análise que aqui se propõe.

A escrita ficcional de Conceição Evaristo é fincada na observação atenta da vida cotidiana afro-brasileira, por entender que, em se tratando de uma herança colonialista, “a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (QUIJANO, 2005, p. 121). Nessa perspectiva, ao narrar por meio de um olhar que vem de dentro, ou seja, que experienciou/experiencia e/ou observa a violência racial e de gênero através de uma (escre)vivência atenta às questões afrodescendentes, podemos constatar que o foco principal da literatura da autora é o feminino negro; contudo, Evaristo não deixa de lado toda uma descendência atravessada pela afro-brasilidade e pela afro-diáspora.

Vale mencionar que afro-brasilidade é o conceito que abrange a identidade e cultura afrodescendente no Brasil, destacando a herança africana e as contribuições dos afrodescendentes na sociedade. Promove a valorização da diversidade étnico-racial, a luta contra o racismo e a busca pela equidade racial. Também valoriza a estética negra e as expressões culturais afro-brasileiras. É um movimento que busca promover a igualdade, justiça social e inclusão dos afrodescendentes na sociedade brasileira. Nesse sentido também é imprescindível destacar que afro-diáspora se refere ao movimento disperso da população africana ao redor do mundo durante o comércio transatlântico de escravos. Envolve a disseminação da cultura africana e a influência das comunidades afrodescendentes nas regiões onde foram levados. Além disso, está relacionado a

movimentos de conscientização, orgulho e empoderamento negro. A afro-diáspora teve um impacto significativo na formação das sociedades contemporâneas e é importante para promover a igualdade e combater o racismo.

Considerando os aspectos acima mencionados, na coletânea *Olhos d'água*, a escritora mantém os traços de uma escrivência feminina e negra. Consequentemente, a autora traz para o interior das narrativas a atenção para com outros personagens negros em condição de vulnerabilidade. A escrita feminina de Conceição Evaristo em "Olhos d'água" traz à tona as experiências e a vulnerabilidade da mulher negra de forma poderosa. A autora retrata a realidade dessas mulheres, expondo as injustiças, as discriminações e as opressões que elas enfrentam diariamente. Ao explorar a vida das personagens negras, Evaristo revela as diversas formas de opressão que as mulheres negras sofrem, seja pelo racismo estrutural, pelo machismo ou pela interseção dessas duas formas de discriminação. Ela destaca as dificuldades enfrentadas na busca por trabalho digno, o desafio de criar filhos em condições precárias, a violência doméstica, a invisibilidade social e a luta para conquistar espaço e reconhecimento em uma sociedade que frequentemente as marginaliza.

Essa vulnerabilidade da mulher negra em "Olhos d'água" reverbera nos outros personagens negros da obra, pois Evaristo explora as conexões e interseções das opressões raciais e de gênero. Os personagens masculinos também são afetados pelas mesmas dinâmicas de discriminação, mas a autora dá destaque à experiência feminina para evidenciar as especificidades e a dupla marginalização que as mulheres negras enfrentam. Por meio da escrita sensível e empática, Conceição Evaristo humaniza suas personagens, oferecendo uma voz e uma visibilidade que muitas vezes são negadas na sociedade. Ela desafia estereótipos e revela a força, a resiliência e a capacidade de resistência das mulheres negras, ao mesmo tempo em que expõe as injustiças e desigualdades estruturais que perpetuam sua vulnerabilidade.

Assim, no contato com os contos, sentimos o abalo das águas salgadas que marejam o sofrido viver de mulheres e homens de diferentes faixas etárias, jovens, adolescentes e crianças em distintos contextos que as(os) lançam à invisibilidade, a traumas e sensação de abandono.

Logo, torna-se importante ressaltar que é sob o estigma de inferiorização imputada a pessoas negras, no contexto de um Brasil marcado por um período colonial pautado na escravidão de negros durante mais de três séculos e meio que Evaristo recolhe o húmus necessário para sua criação literária. Nessa perspectiva, sentimos que, na escrita evaristiana emerge a ideia de que: “o racismo cotidiano não é um evento isolado, mas sim um acumular de episódios que reproduzem o trauma de uma história colonial coletiva” (KILOMBA, 2019, p. 218).

Nos textos de Evaristo subjaz a ideia de que “o sistema escravista definia o povo negro como propriedade” (DAVIS, 2016, p. 24), e de que a população afro-brasileira é “colocada (de volta) no cenário colonial” (KILOMBA, 2019, p.218) com as agressões cotidianas. Logo, é possível afirmar que a escritora mistura de maneira imprecisa, realidade e ficção em seus traçados poéticos para denunciar o preconceito racial fortemente arraigado na sociedade brasileira. Nesse sentido, nas narrativas as personagens são envoltas em situações de violências, traumas, abusos e abandonos, dentre outras mazelas sociais.

Para além das temáticas apontadas anteriormente, a literatura de Evaristo é expansiva e recolhe a alegria, a esperança, a memória cultural e, sobretudo, a resistência do povo negro, no entrelaço entre coletividade/individualidade e passado/presente, objetivando aberturas para outros caminhos possíveis em que a diversidade racial e de gênero seja vista com os olhos do afeto. Dessa forma, em cada personagem, sentimos a presença de um ser único, com experiências plurais através dos “desenhos-grafias” que tecem o caminho do reconhecimento, do processo de aceitação em ser negro em territórios movediços e enlameados pelo racismo.

A título de exemplificação, é o que vemos em *Ponciá Vicêncio* (2017), em que, (as)os personagens em suas andanças: saída da Vila Vicêncio em direção à cidade, ou mesmo permanecendo no vilarejo em que residem na relação com “os donos da terra”. Na obra, Ponciá e demais personagens negras experimentam, nesse percurso, a exploração, a invisibilidade em que são lançados pela branquitude e, pouco a pouco, pelas amargas experiências compreendem que, sendo vítimas de um sistema social que não os inclui, traçam caminhos de união e valorização da cultura negra e ancestral. Logo, reposicionam-se em um cenário adverso e reconstróem caminhos de esperança ao

sentirem que são herdeiras(os), também, de histórias e traços culturais de antepassadas(os) que não fugiram à luta, que tinham entre suas grandes características a capacidade de reinventar a vida frente a uma realidade de sofrimento.

Conseguimos enxergar essa mesma capacidade de reinvenção, de espírito de bravura, de resistência e de resiliência nos contos da coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Neles, as personagens após narrarem episódios de violências sofridos, predominantemente em ambientes domésticos, percorrem por espaços que as levam a compreender que a culpa pelo trauma não é delas, como a sociedade patriarcal tenta inculcar. Nesse sentido, percebe-se uma estrutura social que “premiou” o homem com uma espécie de superioridade inquestionável, dando-lhe anuências infinitas para o cometimento de barbaridades com o corpo e o psicológico feminino.

Nos traçados de *Ayoluwa, alegria de nosso povo*, notamos, também, essa não aceitação à violência, esse grito sufocado que resiste à dor para que uma comunidade inteira não se entregue, não morra, uma vez que, desde as(os) ancestrais, as raízes comunitárias são constituídas pela presença simbólica de luta, do querer e desejar a vida, de valorizar o velho e, ao mesmo tempo, do abrir-se para o novo.

Assim, nas linhas literárias tecidas por Conceição Evaristo, a voz que se ouve é aquela que vem de dentro para fora, que conhece ou vivencia uma realidade de segregação. Essa mesma voz abre caminhos para o protagonismo negro evidenciando que “a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2019, p. 66). Dessa forma, o compromisso da autora é com uma contranarrativa, justamente por pôr em evidência corpos desprestigiados pela sociedade e pelo fazer literário eurocêntrico.

Pelos caminhos das grafias-desenhos, a escrituragem

Se no passado colonial a mulher negra era obrigada a servir a casa grande, contando histórias à prole dos senhores, se estavam constantemente assoberbadas no lavar, passar, cozinhar ou nas atividades braçais nas lavouras, além dos infinitos abusos e violências sexuais da qual estava sujeita, sem ter a quem recorrer, a quem confidenciar

dores, medos, traumas, etc., a escrevivência de autoria negra vem justamente com o propósito de vingar esse passado em que reinava a imposição do silêncio.

Nesse sentido:

[...] Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (EVARISTO, 2020, p. p. 30).

A mulher negra tem sido (acho que temos que rever esse tem sido, talvez utilizar foi) marginalizada, subjugada e silenciada pelas forças colonizadoras por mais de três séculos e meio. Consequentemente, o imaginário popular foi historicamente inflado com a ideia estereotipada de que o lugar da afro-brasileira era/é o de servidão. Isso foi/é “justificado” por inverdades repetidas de maneira incansável de que ela era/ é um ser incapaz de evoluir, visto que sua vida se pautava em um estado de infantilização permanente. Nesse sentido, tornava-se incapaz de gerir a própria vida. Além disso, a imagem da escravizada foi associada à sexualização/animalização e ao exotismo, na tentativa, bem sucedida, de destituí-la de sua humanidade.

Assim, no ato de narrar contra, Conceição Evaristo (re)afirma que “é tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos” (QUIJANO, 2005, p. 139). Dessa forma, a escrevivência vem no sentido de avançar contra esse subjugo, contra esse controle da branquitude que teima em (re)posicionar a mulher negra na condição de Outra, ou seja, como diferente “por meio do processo de discriminação” (KILOMBA, 2019, p.75).

Ao olhar para o passado e desejar um presente que desconstrua a figura estereotipada que fizeram/fazem do corpo negro, a literatura afro-brasileira caminha no sentido de que: “é tempo de aprendermos a nos liberar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem, é sempre, necessariamente, distorcida” (QUIJANO, 2005, p. 139).

Dessa forma, no entrelaço entre vivências passadas e presentes:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada,

na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p. p. 30).

No tecer do (escre)viver, na celebração de uma brasilidade interligada à(s) África(s), Evaristo celebra o resistir/existir africano e afro-brasileiro, por meio de suas palavras poéticas. Palavras essas que entoam em seus “desenhos-grafias”, cantos-danças, ora com uma lírica leve, ora triste e/ou endurecida com o propósito de encurtar pontes e atravessar um oceano de infinitas histórias de personagens que são, sobretudo, humanos, ainda que o sujeito esteja “com uma arma na mão” (EVARISTO, 2020, p. 31). E, nesse fazer poético, “mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana” (EVARISTO, 2020, p. 31).

Entre a morte e a esperança: *Ayoluwa, alegria do nosso povo*

No anunciar do conto, *Ayoluwa, alegria do nosso povo*, o(a) leitor(a) tem a sensação de que no emprego de cada palavra descortina-se a possibilidade de olhar com atenção para a história de uma comunidade, de um determinado povo, em que a esperança avança, após sucessivos dias de luto e tristeza.

“Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu, foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida tudo pitimbava” (EVARISTO, 2018, p. 119). Assim, como em um fluir de fortes correntes marítimas, a narrativa nos transporta em direção a águas que vão e vêm no balançar de ondas que sinalizam um tempo presente que carrega ecos de um passado que não podemos precisar sua durabilidade temporal, mas que reverbera o sofrimento sentido pelos corpos, levando-os a sentir um contexto de desesperança individual e coletiva.

Nesse sentido, *Ayoluwa, alegria do nosso povo*, anuncia a partir do título a relação (aproximação) do continente africano com o Brasil. Banhados pelo mesmo continente, de muitas regiões da África, vidas negras do passado sentiram o impacto no atravessamento das ondas oceânicas do Atlântico com destino às terras brasileiras e, por conta desse tempo histórico, na atualidade, muitos dos (entre)laços culturais, permanecem vivos na memória e no cotidiano do povo negro afro-brasileiro em

tentativas constantes de derrubar muros e construir pontes de respeito às diversidades: de gênero, religiosas, de hibridismo linguístico, de identidades, de costumes, etc.

Dessa forma, na narrativa, o intercâmbio é construído, também, pela valorização de uma (língua)gem de matriz africana em que pontes “hifenizadas” são construídas para entendermos o significado da palavra RESISTÊNCIA. Assim, os nomes próprios originários de África acompanham seu correlato em português: “vô Moyo, o que trazia boa saúde, de tio Masud, o afortunado, o velho Abede, o homem abençoado, e outros e outros” (EVARISTO, 2018, p. 120). Vocábulo de origem africana são empregados para enfatizar o dissabor do viver, como: “sambango”, “pitimba”.

No contato com cada palavra/expressão presente no conto, a sensação é que estamos diante de um canto triste e marejado, envolto a intensos impactos em que o esvaziamento das forças é sentido pelos fortes e constantes abalos. Assim:

[...] Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza minguava e nos confundia. Ora aparecia um sol desensolarado e que mais se assemelhava a uma bola murcha, lá na nascente. Um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela desfeita. Ora gotejava uma chuva de pinguitos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos. E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos (EVARISTO, 2018, p. 119-120).

Sem perspectivas de dias melhores, sem ter a quem recorrer e, na percepção de que o passado glorioso fora apagado pelas incertezas do presente e o amanhã era abortado pela carência de alimento para o corpo e para alma, a comunidade sentia que a cada instante as forças de seus membros eram lançadas para o fundo do mar, com todas as partes sufocadas e com os olhos afogados pelas águas. “Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo” (EVARISTO, 2018, p. 120). E assim, “deram de clamar pela morte”. E a todo instante eles partiam” (EVARISTO, 2018, p. 120).

Ao crerem que não encontrariam solução que pudessem retirá-las(os) de tamanha aflição, desejavam a honradez da morte. Dessa forma:

[...] Todos estavam enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de enfrentar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. Como os homens, deslembavam a potência que se achava resguardada a partir de suas denominações (EVARISTO, 2018, p. 120).

“As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de enfrentar e vencer a dor”, elas que carregavam consigo a herança da resistência daquelas que “resistiam e desafiavam a escravidão o tempo todo” (DAVIS, 2016, p. 37), elas que já “não acreditavam mais na eficácia delas próprias” (EVARISTO, 2018, p. 120) e sucumbiam ao esquecerem que eram força motriz, anciãs de seu povo. Esqueciam da “potência” que as acompanhavam a partir dos nomes: vovó Amina, a pacífica; tia Sele, a mulher forte como um elefante; mãe Asantewaa, a mulher de guerra, a guerreira; e ainda Malika, a rainha” (EVARISTO, 2018, p. 120).

E, quando as anciãs, mulheres fortes, de inteligência ímpar, rainhas “destronadas” “deslembam” do poder que tinham, o povo ficava desorientado, e sucumbia, também, em movimentos acelerados e desastrosos:

E até eles, os moços, começaram a se encafiar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes. Puseram-se a matar uns aos outros, e a atentar contra a própria vida, bebendo líquidos maléficos ou aspirando um tipo de areia fininha que em poucos dias acumulava e endurecia dentro de seus pulmões. Ou então se deixavam morrer aos poucos, cada dia um pouquinho, descrentes de que pudesse existir outra vida senão aquela, para viver (EVARISTO, 2018, p. 120-121).

Na apatia, no descuido das(os) mais velhas(os), no desejo que sentiam pela entrega sem resistência, as(os) jovens foram confundidas(os), tentadas(os) e muitas(os) se perderam em tentações. Assim, o brilho da juventude, responsável por manter viva as alegrias, as chamadas da esperança, o bastão das heranças culturais e identitárias estava sendo vencido pela entrada na comunidade de “líquidos maléficos” ou por “um tipo de areia fininha que em poucos dias acumulava e endurecia dentro de seus pulmões”, ou pela desesperança que as(os) enfraqueciam, apagando-os aos poucos.

Com o triunfo da desesperança, do desespero, da apatia e da morte, de uma força estranha que estava presente e causava destruidores abalos, é possível afirmar que: “a figura discursiva do rumor produz uma ambivalência infecciosa, uma “sobreposição

abissal", de excesso e falta de sentido" (BHABHA, 1988, p. 279), ocasionando "incerteza" e "pânico" (BHABHA, 1988, p. 279, acrescido pelo fato de que:

O milagre da vida deixou de acontecer também, nenhuma criança nascia e, sem a chegada dos pequenos, tudo piorou. As velhas parteiras do povoado, cansadas de esperar por novos nascimentos, sem função, haviam desistido igualmente de viver (EVARISTO, 2018, p. 121).

Sem novos rebentos, "nenhuma família mais festejava a esperança que renascia no surgimento da prole. As crianças foram esquecidas, ficando longe do coração dos grandes" (EVARISTO, 2018, p. 121). Sem o germinar da vida, as poucas sementes lançadas, caíam em terra infértil e, a vida daquele povo, bem como sua continuidade, tornou-se improvável. Estavam em acelerado processo de extinção, um mal estava infiltrado na vivência da comunidade, confundindo-a, uma força colonizadora com forte potencial de destruição, atingia o pulsar das(os) que "deslembavam a potência que se achava resguardada partir de suas denominações".

Mas, em uma determinada noite, quando estavam reunidos em torno da fogueira, momento em que: "a combustão maior vinha de nossos lamentos" (EVARISTO, 2018, p. 121), a esperança sobrepujou a desesperança. Foi assim, que "uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho" (EVARISTO, 2018, p. 121).

"Enquanto busca de afirmação identitária, a imersão no coletivo se faz presente no texto de autoria negro-diaspórica" (DUARTE, 2020, p. 80). Daquele momento em diante, todas(os) as(os) velhas(os) que não tinham morrido, mas que estavam em uma profunda tristeza, jovens inertes pelo desvalido viver, crianças "que ainda não tinham sido contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar" (EVARISTO, 2018, p. 122). Assim, a semente plantada no ventre de uma mulher, engravidou a comunidade, e floresceu nela, o desejo pela vida.

"Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais" (EVARISTO, 2018, p. 122), uma ancestralidade que permanecia viva, vigiando e cuidado de todas(os): das(os) que ainda viriam e das(os) que estavam vivos, na sinalização de que o descuidar é o primeiro caminho para levar à morte. E, todas(os), novamente, sentiam-se vivas (os) e atentas(os), às interferências externas. As

forças que as(os) impulsionavam para baixo, para o abismo, pouco a pouco eram abafadas pela possibilidade de um novo tempo, e assim;

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência (EVARISTO, 2018, p. 122).

Nessa perspectiva, na ideia de que “sempre inventamos a nossa sobrevivência” reside as dificuldades amargadas por um passado/presente de infinitas lutas em que tudo tem um significado atrelado à resistência de gerações passadas que abriram/abrem caminhos para as descendências. E, nesse sentido, na obra, Evaristo amplia a discussão sobre a possibilidade de que: “como criaturas literárias e animais políticos, devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que *algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização*” (BHABHA, 1998, p. 34, grifo do autor).

E, foi através de três mulheres de distintas gerações, pontes e passagens para um novo devir que a vida comunitária retornou aos olhos e mãos atentas das(os) habitantes:

E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmos uma nova vida. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer a alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós (EVARISTO, 2018, p.122).

“Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento”, foi a que acolheu “Ayoluwa, alegria do nosso povo”, a filha de “Bamidele, a esperança”. Logo, identificamos que a literatura afro-brasileira de Evaristo tece as linhas do tempo-palavra para reposicionar o corpo feminino negro em um lugar de protagonismo, em que: “suas personagens são negras e vivem como domésticas, mendigas, faveladas, presidiárias. Mas são sobretudo, mulheres de fibra, lideranças, referências comunitárias” (DUARTE, 2009, p. 16). E, assim: “Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria de nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso

de cada dia” (EVARISTO, 2018, p.123), no guiar e na orientação para que a comunidade não se perca, não desista de viver e resistir.

Dessa forma, na união, na coletividade, a voz narrativa evidencia que o renascimento de seu povo só foi possível, graças à força feminina de mulheres capazes inclusive, de encher os “olhos d'água” de alegria. “E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução (EVARISTO, 2018, p.123).

Considerações

A produção literária de Conceição Evaristo tem estreita relação com problemáticas sociais que ainda precisam ser superadas. Racismo, preconceito, desigualdade social, subalternidade e inferiorização de um ser humano perante outro são temáticas que marcam os textos desta autora com o compromisso de impulsionar a reflexão, mas especialmente, de promover a mudança de cenários.

No conto analisado neste trabalho não é diferente, haja vista que a prosa resgata saberes, práticas, termos linguísticos oriundos dos povos africanos que foram arrancados de suas terras e escravizados no Brasil. Desse modo, a autora busca evidenciar traços culturais que compõem uma comunidade assolada pela desesperança.

O nascimento de Ayoluwa parece ser o princípio da reversão desse cenário de desesperança. É como se a criança fizesse brotar alegria, como se renovasse as esperanças e reconectasse o sentimento de unidade. O que, por sua vez, sugere que é preciso sentir junto, pensar junto e agir junto para que as transformações que almejamos ver em nossa sociedade aconteçam.

Referências

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DUARTE, E. A. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. *Revista Terra roxa e outras terras*, vol. 17, p. 6-18, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4368>. Acesso em: dez. 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. In: DUARTE, Constância L; NUNES, Isabella R. *Escrivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância L; NUNES, Isabella R. *Escrivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p. 107-130, edição brasileira.

Recebido em 02/04/2023

Aceito em 26/06/2023